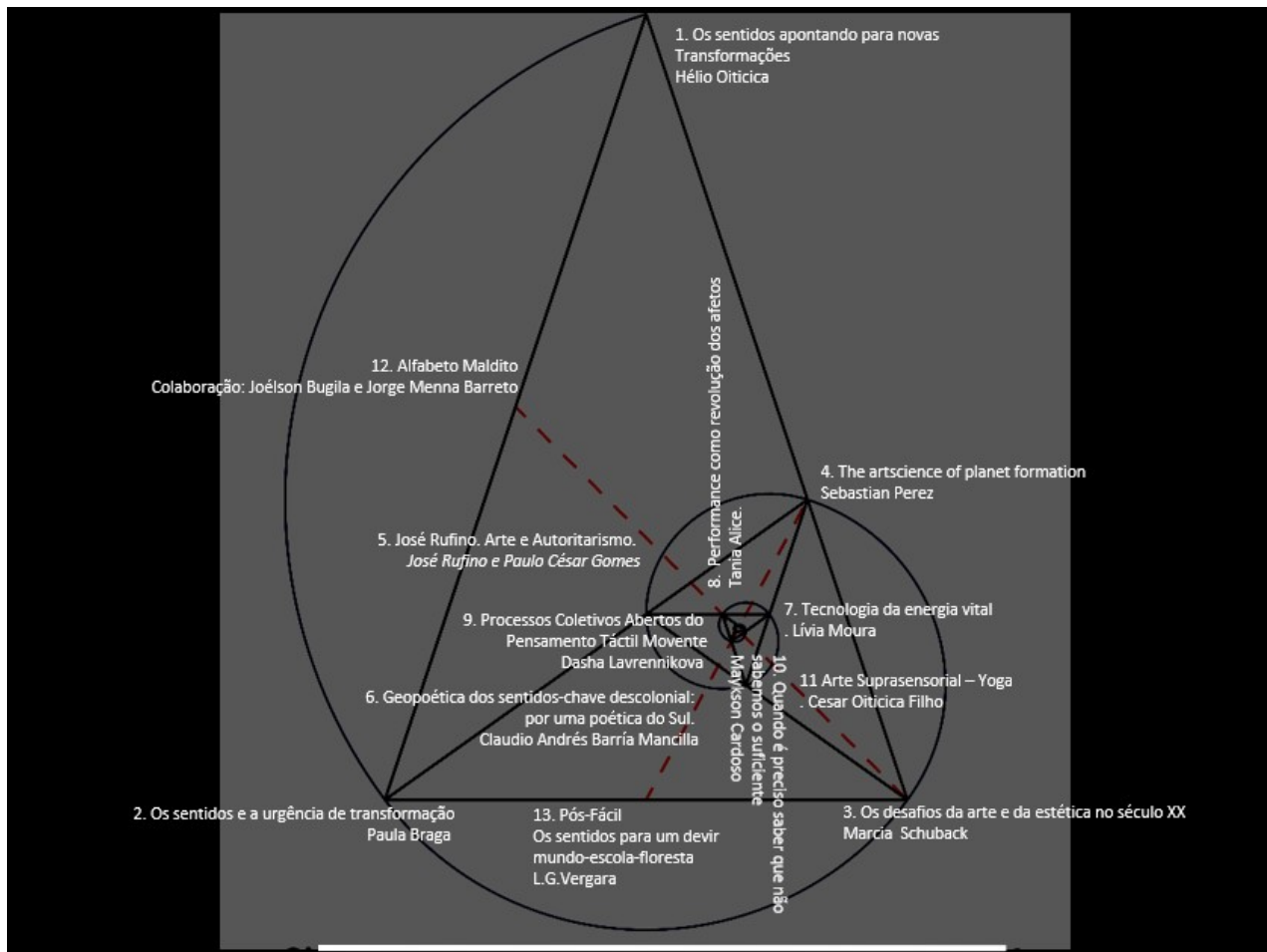


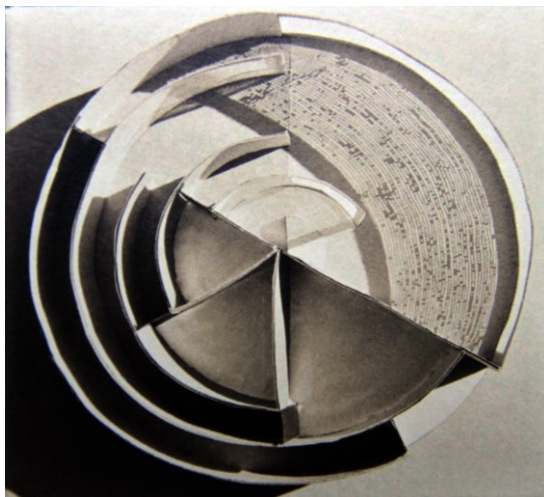
---

# Labirinto espiral de cambalhotas no cosmos da arte

---

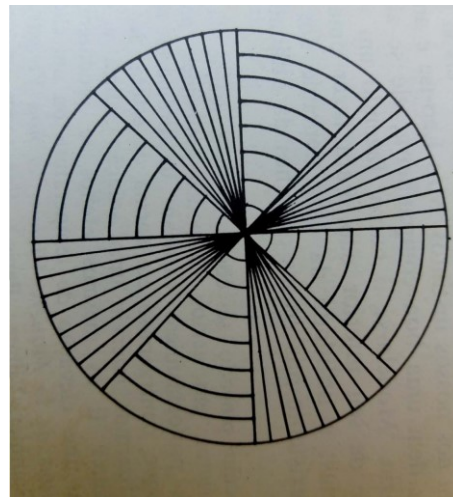
<https://doi.org/10.22409/poesis.v20i34.38528>





Este dossiê se dirige @s agentes – pesquisador@s, curadores, artistas e educador@s – que atuam e refletem sobre as mudanças em jogo no sentido público da arte que, por sua vez, se desloca de sua própria centralidade para dar lugar e ser participante da virada social para além de sua desmaterialização enquanto objeto-estético, mas para um acontecer solidário e multissensorial.

- Luiz Guilherme Vergara, 2019<sup>1</sup>



As formas originárias vêm do incomensurável infinito e geram todas as outras. São estáticas, pois as estáticas possuem mais força. São simétricas e transcendem a tudo que se pode imaginar. Concretamente o círculo se enquadra nestes princípios. É a forma transcendente por excelência; é a enunciadora do mais profundo silêncio; é a síntese do próprio Cosmos: por isso, possui um extraordinário vigor.

- Hélio Oiticica, 1986<sup>2</sup>

Essas imagens<sup>3</sup> dão a forma e conceito editorial para o processo de escrita-leitura em uma trajetória caminho espiral deste dossiê. Posicionam-se como metapoética<sup>4</sup> e geopoética os sentidos para o devir mundo-escola-floresta com base na “in-corporação” de um estado “esboço” transcultural e transtemporal (já antecipando a abordagem da Márcia Schuback) ou “multi-focal”, apontando para a atualidade do comportamental-grupal-celular de Hélio Oiticica. Assim, reúnem-se também artistas-pesquisadorxs e educadores, tais Cesar Oiticica Filho, Claudio Barría Mancilla, Dasha Lavrennikova, Joélson Bugila e Jorge Menna Barreto, Ligia Veiga, Livia Moura, Sebastian Perez, Tânia Alice Feix, Thelma Vilas Boas que investem em suas práticas para a urgência transdisciplinar – experimental – de uma virada para o comportamental estruturante de uma consciência grupal-relacional. Acrescenta-se ainda a contribuição especial de Kriss Coiffeur por sua trajetória na Gamboa como liderança maçada pela ação solidária da ocupação Bar Delas. Por isso, os sentidos apontam para a emergência e urgência que invoca o estado de “esboço” (Schuback), de colaborações entre diferentes campos de saberes ou mesmo “cambalhotas no cosmos” (Pedrosa) – para além da dissolução do arte-objeto ou arte-forma. Atualiza-se também Mário Pedrosa onde a imagem da espiral de triângu-

los áureos oferece uma geopoética na qual cada texto constitui vértices das “cambalhotas no cosmos” (AMARAL, 1986, p. 139) como desvios epistêmicos contínuos para as reconfigurações éticas e revoluções dos afetos. Porém, com um agravante que se coloca, de agora em diante, é como a arte e/ou as escolas de arte podem atravessar para além dos colapsos do antropocentrismo, da democracia ou da crise ambiental planetária.

Nestas cambalhotas resgatam-se prospecções intuitivas de 40 anos atrás (1969) como se o texto de Oiticica fosse não apenas atual, mas um esboço de futuro – não ainda conquistado – ou talvez, gravemente corrompido. Ainda assim, é no gerúndio (tal como Márcia Schuback aborda) que se apresenta apontando para uma urgência como propositor de processos geradores de “*estruturas totais condicionantes de comportamento das estruturas-totais*, se dissolveram nessas evoluções e passaram a propor o inverso disto, que seria o *comportamento definido como estrutura-total, gerando os elementos que não são estruturas de arte total* (aberto-aberto) , mas o *fluxo vivo da experiência do destino humano*” (OITICICA, 1969). O que comovia Oiticica, move esta espiral de experiências informais, transtemporais, transdisciplinares e espirituais. O multi-focal in-corpora um es-

pectro planetário, preocupações que atravessam “a experiência do destino humano” e aqui se acrescenta o pós-humano, que emergem nas diferentes formas de colaboração com outros saberes, tais como Sebastian Perez: Arte, Astronomia, Tecnologia e Sociedade (AATS) entre artista e astrofísicos. A arte vem dar forma aos discos protoplanetários, tornando visível o lugar onde “pensamos” que os planetas são formados. Uma outra colaboração, ou cambalhota nos saberes legitimados pelo humanismo, é trazida para a escala de diálogos entre a sensibilidade artística e o reino vegetal.

A atuação artística já não é mais conduzida pelos fazeres formalistas de nenhuma escola ou conceitos universais sob o primado estético das artes visuais. A entrevista com José Rufino registra sua trajetória transdisciplinar experimental ampliada pela transversalidade entre arte e ciência. Rufino é um inventor de sua própria escola de arte devir floresta, atravessando diferentes campos da produção de conhecimento, sem se submeter a uma especialização, além das lentes da “paleontologia” sobre a natureza, cruzando literatura e política. Sua poética não se separa da política conceitual, sua estética da existência, conformadas como outramentos autopoieticos.

Igualmente, o *Alfabeto Maldito*, desenvolvido por Jorgge Menna Barreto e Joélson Buggilla, inspira Maykson Cardoso (curador) para colocar em questão “quando é preciso saber que não sabemos o suficiente... um exercício de desleitura”. Este posicionamento reforça a condição de distopias e dissoluções, des-aprendizagens e desleitura. O que reforça tantas sinergias com a avalanche de pensadores apontando para “modos de existência que não existem”, tal como Peter Pál Pelbart.

Assim, em meio a falência do antropocentrismo a que assistimos nas últimas décadas, em domínios vários, da filosofia à ecologia, seres que antes pareciam reclusos à esfera subjetiva ganharam um outro estatuto, uma nova vida. Entes invisíveis, impossíveis, virtuais, que pertenciam ao domínio dito do imaginário, do psiquismo, da representação ou da linguagem, atravessaram alegremente a fronteira entre sujeito e objeto e reapareceram numa outra chave ontológica. (PELBART, 2014, p. 250)

Os giros dessa trajetória espiral macro-microcós mica apontam para buscas por proposições de “ambiente aberto vivo” (OITICICA, 1969) em diferentes escalas onde atualiza-se o próprio sentido “celular” de novas transformações. Desta forma, Lívia Moura investe na energia vital ou reci-

clagem das emoções, alfabetização emocional. Cesinha Oiticica Filho atravessa da dissolução da arte-objetal para a prática do corpo como ponte entre o legado supra-sensorial de Oiticica e a milenar filosofia da ação da Yoga. Dasha Lavrennikova amplia o corpo-arquitetura sensível de outramentos – como “processos coletivos abertos do pensamento tátil movente, alfabetização emocional” – em ressonância com Oiticica que aponta que “os grandes experimentos grupais coletivos<sup>5</sup> deveriam ter a possibilidade de contar com lugares de habitar grupal” (OITICICA, 1969), da mesma forma que Claudio Mancilla expande para a cidade a memória e a territorialidade “geopoética dos sentidos como chave descolonial”, que se entrelaça com as práticas coletivas de Tânia Alice Feix para performances como revoluções moleculares dos afetos.

O que emerge deste labirinto espiral de experiências transculturais e transtemporais é a própria indagação sobre um devir para além de um antropocentrismo ou mesmo artocentrismo. O sentido de escola, não de arte, mas com estados artísticos, estados de invenção, não seria mais de ensino e aprendizagem, não seria mais da esfera de saberes (pré)estabelecidos. O que Márcia Schuback apresenta como mutação, gerúndio e estado de esboço intui essa borda de uma

espiral inacabada. O próprio planeta se torna escola pela interdependência planetária da vida além da razão humana dominadora para um tempo de saberes que não sabemos de tudo. O que é revisitado no depoimento de Thelma Vilas Boas, que traz o Mundo Por vir de David Kopenawa para sua mobilização pedagógica, política e existencial como Escola por vir. Como se os sentidos de urgência, sem dúvida planetária, estivessem conduzindo transformações não-ainda-conscientes, para um devir solidário emergencial de um mundo-escola-floresta.

Conforme ressalta Paula Braga, existe uma “atualidade e urgência” ainda em processo nas mudanças no “foco estético das chamadas artes ‘visuais’” (OITICICA, 1969), mas que não deixam de ser ainda um por vir inacabado em desafios e dilemas. As mudanças para outros sentidos além do visual apontam também para viradas supra-sensoriais, mas também afetivas e espirituais que hoje são expressas pelas vozes que intuem e denunciam a “falência do antropocentrismo”. Márcia Schuback articula como desafios para se projetar tanto o sentido dos sentidos para uma possibilidade de transformação, ou seu papel nos sentidos de uma ainda indefinida transformação, ou “mutação”, em sua condição de esboço aberto ou um estado de gerúndio, não do acontecimento, mas do acontecendo.

Conclui-se este dossiê para escolas de arte que enfrentam e adiam o fim do mundo com o depoimento de três mulheres, Kriss Coiffeur, Ligia Veiga e Thelma Vilas Boas, in-corporando três entrelaçamentos existenciais entre arte e vida – Lanchonete <> Lanchonete, Bar Delas, Escola Por vir e a Grande Companhia de Mysterios e Novidades / Escola sem paredes. Elas, em suas diferentes práticas, são conduzidas por um pragmatismo utópico apontando para horizontes de escolas de arte para adiar o fim do mundo e da arte pela solidariedade. Elas são como escolas florestas que atravessam categorias, circuitos e sistemas instituídos da arte, sejam as faculdades, escolas, ou museus e galerias, todas compondo um tecido de sinergias, resistências e resiliências da Gamboa.

Luiz Guilherme Vergara

## Notas

<sup>1</sup> VERGARA, Luiz Guilherme. Escolas de Arte - Devires Floresta: zonas de confluências antropofágicas. *Poiésis*, Niterói, v. 20, n. 33, jan./jun. 2019, p. 11.

<sup>2</sup> OITICICA, Hélio. O problema dos opostos. FIGUEIREDO, Luciano; PAPE, Lygia; SALOMÃO, Waly (Org.). *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 15.

<sup>3</sup> Imagem à p. 7: Espiral de triângulos áureos redesenhado por Luiz Guilherme Vergara para conter o Sumário deste dossiê; Imagens à p. 8: *PN 15* (modelo não realizado, obra de Hélio Oiticica) da *Subterranean Tropicalia* (1971), série *Newyorkaises* (foto: Hélio Oiticica); Disco figura e fundo (fonte: PEDROSA, Mário. *Arte/ Forma e Personalidade*. São Paulo: Kairós, 1979, p. 29).

<sup>4</sup> A escrita se apropria como um “metapoema”, conceito de Gertrude Stein, de incorporações, tais como o *Caminhando* da Lygia Clark, em constantes bifurcações, ou a gramática movente de Oiticica entre texto, dos metaesquemas para os penetráveis (Oiticica). Trata-se da opção de encarnar a fenomenologia hermenêutica da experiência como geopoética dos sentidos e percepções atravessando os textos como um caminhante. Gertrude Stein in Abigail Lang, *The Tune of Thinking: Gertrude Stein’s Narration*. *Aesthetics of Theory in the Modern Era and Beyond*. (<https://transatlantica.revues.org/7047>. Acesso em 04/10/2017)

<sup>5</sup> Assim como em “objetal”, o sufixo “-al” em “grupal” significa “relacionado a; do tipo de” um grupo, ao invés de grupo. Também é possivelmente uma construção *portmanteau* fundindo o sentido de “grupo” e de “comunal”.

## Referências

PEDROSA, Mário. Especulações estéticas III: lance final. In AMARAL, Aracy. *Mário Pedrosa: mundo, homem, arte em crise*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

PELBART, Peter Pál. Por uma arte de instaurar modos de existência que “não existem”. In 31ª BIENAL DE SÃO PAULO. *Como pensar sobre coisas que não existem* (catálogo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2014.